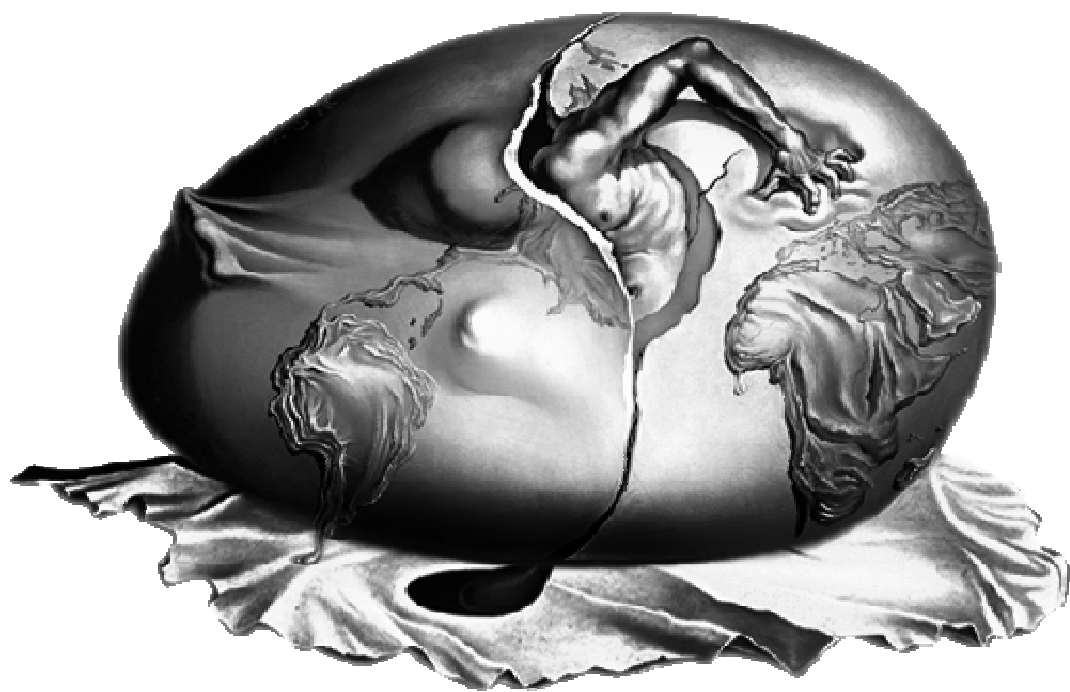


BOLETIM *PRESENÇA*

ANO II, nº 07, 1996



UNIR

HISTÓRIA REGIONAL E IDEOLOGIA

FABÍOLA LINS CALDAS*

Resumo

Como regional entende-se uma visão que apreende a parte como todo, a parte como auto-explicativa, racionalidade que se basta, às vezes, somente com uma referência à totalidade. Essa mesma parte, normalmente, é esvaziada por ser concebida como modelo de "História de segundo grau", História ainda positivista e com defeitos mais que visíveis dentro da órbita de deformação do Estado; esvaziada por ser e conter somente uma visão esquemática daquilo que se considera como "história", mas que, na verdade, não passa de preconceito em forma de uma narrativa objetificada.

Palavras-Chave: Regional, História e Preconceito.

Abstract

As regional he/she understands each other a vision that apprehends the part as all, the part as self-explanatory, rationality that has enough, sometimes, only with a reference to the totality. That same part, usually, it is emptied by being conceived as model of " History of second degree ", History still positivista and with defects inside of the orbit of deformation of the State; emptied by to be and to contain only a schematic vision of that that is considered as " history ", but that, actually, it doesn't pass of prejudice in form of a narrative objetificada.

Key-Words: Regional, History and Prejudice.

A História, como filosofia do humano, interpretação e compreensão do presente enquanto espessura viva, que inclui o tradicional presente-passado, é incompatível com uma “concepção regional”.

Como regional entende-se uma visão que apreende a **parte** como **tudo**, a **parte** como auto-explicativa, racionalidade que se basta, às vezes, somente com uma referência à **totalidade**. Essa mesma **parte**, normalmente, é esvaziada por ser concebida como modelo de “História de segundo grau”, História ainda positivista e com defeitos mais que visíveis dentro da órbita de deformação do Estado; esvaziada por ser e conter somente uma visão esquemática daquilo que se considera como “história”, mas que, na verdade, não passa de preconceito em forma de uma narrativa objetificada.

A **história** não é um lugar, não é a confluência de lugares ou “tempos passados” que se possa visitar: é interpretação das espessuras vivas do humano: então como podemos, não somente **visitar lugares históricos**, mas, principalmente, como podemos escrever sobre esses “lugares” e “fatos”? Escreve-se, estranhamente, sobre um tipo de concepção histórica, uma História positivista e de segundo grau tornadas coisa pública, monumentos da nação, orgulhos do Estado, corporificações ideológicas desse mesmo Estado, fatos patentes como se fossem realidade e não construção teórica sobre determinado e polifônico vivido. Todos vibram por terem se realizado novamente assim personificados. Essa “história” é apenas fetiche de plástico, mercadoria de determinada visão do mundo.

Como “história” regional entende-se as “comunidades simples”, os “menos complexos”, os “intocados pela civilização”, as “pequenas cidades”, as “Povoações afastadas”, as “pequenas histórias de pessoas”: a história regional é o lugar ideal para as visões de história onde somente “os grandes existem”, ao mesmo tempo e como reação, concebe-se como “Historia do pequeno”, como vingança: todas as duas são deformações de uma visão ideológica.

Para essa “história” concebe-se determinado **estilo** e certa maneira de **narrar**. Esse **estilo narrativo** podem ser encontrados em praticamente todo o país.

Como **estilo** entendemos aqui a inflexão do autor ao “contar certa coisa que todos esperam ser como deve ser”; uma maneira de contar que poderia ser pessoal, mas que corresponde ao esperado “história regional”.

Esse **estilo** é, em primeiro lugar, pessoal em termos de vivência sabida do autor na **comunidade**: ele torna-se elemento da sua própria escrita; é apontado como “o historiador da cidade”; sua “história” se mistura com a “história do lugar”: foi ele quem a fez existir, quem a valorizou e a fez ter valor.

Em segundo lugar, ele “conta como deve contar”. Sua maneira corresponde àquilo que ele conhece e interpreta como “texto e estilo histórico”, normalmente textos de segundo grau ou narrativas “jornalísticas”. É um **estilo** decorrente da maneira “popularesca” de contar e respeitar como verdadeiro artigos de jornal ou a simples oralidade sem nenhum tratamento historiográfico: não é uma “narrativa do povo”, mas uma narrativa intelectualoide, emproada e vazia, servindo, normalmente, como forma primária de “poder local”: um tipo de identidade como forma de poder.

Em terceiro lugar, estabelece “como tendo existido” certa concepção de tempo, linear e evolutiva, onde “a cidade hoje” é o resultado mecânico da “cidade de outrora”. Onde as pessoas de hoje vão aparecendo como foram seus pais e avôs: é história de uma comunidade ou de uma classe em busca de identidade, mas através dos olhos daqueles que dissolveram sua identidade, através dos mesmos mecanismos que apagam a real consciência advinda do encontro real de identidade: essa “história” apaga ainda mais os caminhos de uma consciência em vez de os clarificar.

Essa maneira de narrar passa, quase inteiramente, para uma **nova história regional**. Essa **nova história regional** é feita em grande parte não mais por “amadores” mas por profissionais que “continuam a tradição” de um tipo de “História positivista”. Essa **passagem** é feita porque os elementos fundantes da História Regional fazem parte tanto de uma concepção acadêmica sobre História quanto de uma **concepção popularizada** do que é ou deve ser a história e a História. O que se **descreve** não é a “**vida da comunidade**”, mas aquilo que se considera como sendo “a história dessa comunidade”.

Ou o **texto historiográfico** é a “voz do historiador”, sem que haja “outras vozes”, ou as “vozes dos entrevistados” é objetificada e sacrificada ao texto e à

voz do historiador. De qualquer maneira, o que prevalece é uma visão ao mesmo tempo ideológica e coisificante. Não há a comunidade, o povo, o regional, mas uma concepção estreita ao mesmo tempo, de história, de História, de tempo, de sociedade, de fato, de texto historiográfico. Ao pensarmos que a História Regional é a história em termos do menor tamanho (o regional), estamos caindo nas malhas ideológicas de uma concepção maior e mais deformante da lógica que deforma e põe tudo em suas mãos, que é a lógica do capital e seu processo castrativo.

A História Regional não é a história de um lugar, de um grupo de pessoas, de uma comunidade, a história de uma confluência de lugares, mas modelo e estilo, forma e conteúdo de uma ideologia. Não se refere ao real mas ao que se considera história.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, Myriam Moraes Lins de. **MEMÓRIA E FAMÍLIA**. Estudos Históricos, Vol. 2, Nº 3, p. 29-42, Rio de Janeiro, 1989.
- BECKER, Bertha K. **AMAZÔNIA**. Editora Ática, Série Princípios, São Paulo, 1990.
- BOSI, Ecléa. **MEMÓRIA E SOCIEDADE: LEMBRANÇAS DE VELHOS**. Companhia das Letras, São Paulo, 1994.
- CALDAS, Alberto Lins. **HISTÓRIA E MÉTODO**. UFRO/DEP. DE HISTÓRIA/CEI, Nº 8, ANO II, PORTO VELHO, NOVEMBRO, 1995a.
- _____. **O PAPEL SOCIAL DA HISTÓRIA**. UFRO/DEP. DE HISTÓRIA/CEI, Nº 9, ANO II, PORTO VELHO, NOVEMBRO, 1995b.
- COLLIN, Laura. **HISTÓRIA ORAL E IDENTIDADE**. In: Revista CUICUILCO, p. 30-38, México, 1990.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **HISTÓRIA ORAL E TEMPO PRESENTE**. In: (RE)INTRODUZINDO HISTÓRIA ORAL NO BRASIL. José Carlos Sebe Bom Meihy (org.). Xamã, São Paulo, 1996b: 11-21.
- GALVÃO, Eduardo. **ENCONTRO DE SOCIEDADES**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- GONÇALVES, José Henrique Rollo. **TRABALHANDO COM FONTES ORAIS**. Cadernos de Metep, DFE/CCH/UEM, Ano4, Nº 3:1-33, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. **A MEMÓRIA COLETIVA**. Vértice, São Paulo, 1990.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **HISTÓRIA E MEMÓRIA OU SIMPLEMENTE HISTÓRIA ORAL?** Anais do Encontro de História e Documentação Oral, 5-11, UnB, Brasília, 1993.
- _____. **MANUAL DE HISTÓRIA ORAL**. Loyola, São Paulo, 1996a.

PINTO, Emanuel Pontes. **RONDÔNIA, EVOLUÇÃO HISTÓRICA**. Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1993.
SOUZA, Márcio. **BREVE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA**. Editora Marco Zero, São Paulo, 1994.
WAGLEY, Charles. **UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA**. Itatiaia/USP, São Paulo, 1988.

* **Prof^a. de História/pesquisadora do Centro do Imaginário Social**